

FONOLOGIA GREGA: DESCONSTRUINDO A PRONÚNCIA RECONSTITUÍDA E CONSTRUINDO UMA PRONÚNCIA HISTÓRICA

Leandro Abrantes (PUC-Rio)

RESUMO

Quando ouvi, na universidade, que utilizaríamos a pronúncia reconstituída do grego nas aulas, confesso que muitas perguntas me vieram à mente. Como seria possível reconstituir a pronúncia de uma língua tão antiga? Mais tarde, passei a crer que tal reconstituição teria sido fruto de estudos arqueológicos de algum tipo. Ledo engano. Mal sabia que aquela tabela de correlação entre letras e sons havia sido formulada a partir de hipóteses teóricas provenientes da comparação de uma série de línguas indo-europeias, com pouca ou nenhuma atenção ao testemunho histórico das epígrafes e dos papiros. Nosso objetivo com o presente trabalho é duplo: *a.* abordar de maneira resumida a ideia erasmiana que subjaz e dá forma a diversas propostas de pronúncia para o grego e, em especial, em sua variedade comum do período romano (bíblico) e *b.* apresentar, de forma sucinta, a pronúncia histórica do grego, que busca reconstituir a fala dos antigos com base na análise de epígrafes e papiros. Por fim, fazemos uma breve consideração acerca da importância do estudo de pronúncia no contexto do estudo de grego bíblico.

Palavras-chave: Grego bíblico, Grego do NT, Pronúncia do grego koine, Pronúncia histórica do grego, HGP, Fonologia do grego.

ABSTRACT

When I heard from a college professor that we would be using the reconstructed pronunciation of Greek in our classes, I must say that many questions came to my mind. How is it possible to reconstruct the pronunciation of such an ancient language? At some point later, I was convinced that the reconstruction must have been the result of some sort archaeological investigation. Not quite. Little did I know that the letter-sound correspondence table had been devised from theoretical hypotheses resulting from the comparison of a set of Indo-European languages, and little or no attention had been devoted to the historical evidence of inscriptions and papyri. Our purpose with this paper is twofold: *a.* briefly discuss the Erasmian thought underlying and shaping the various pronunciation systems proposed for the Greek language, especially in its common variety during the Roman (biblical) period, and *b.* concisely present the historical pronunciation of Greek, which advocates the reconstruction of the ancient people's way of speaking by means of an analysis of inscriptions and papyri. Finally, we shall examine the importance of including pronunciation in the study of Biblical Greek.

Key-words: Biblical Greek, NT Greek, Koine Pronunciation, Historical Pronunciation of Greek, HGP, Greek Phonology

1 Reconstruindo um passado ideal

Embora se atribua a Erasmo de Roterdã a formulação da pronúncia clássica reconstituída do grego, foram, na verdade, seus seguidores que a substanciaram, expandindo e detalhando a intenção de se chegar a uma pronúncia pura, livre das degenerações perpetradas pelos gregos da época¹. Em sua obra *De recta latini graecique sermonis pronuntiatione*, Erasmo apresentou o ideal de restaurar a pronúncia genuína do grego antigo. Sem fazer um estudo da pronúncia grega do período otomano, reputou-a de *pronuntiatio depravata*. Seus seguidores propuseram uma pronúncia para cada uma das 24 letras do alfabeto grego, aplicando suas regras tanto aos dialetos antigos (dórico, jônico, eólico e outros) como também ao grego do Novo Testamento. Proponentes da pronúncia histórica têm ressaltado que a adoção da pronúncia erasmiana parece ter tido razões político-pedagógicas, utilizando-se da premissa de que a língua havia sido corrompida pelos gregos e, por isso, a guarda da língua do Novo Testamento não podia ficar a cargo da igreja ortodoxa^{2 3 4}.

Essa reconstituição apoiava-se, inicialmente, num procedimento lógico que tinha como modelo o latim e línguas europeias da época como o alemão e o holandês. Uma das formas de se depreender a “pronúncia original” consistia em observar como os romanos haviam feito a transliteração de nomes e outras palavras no alfabeto latino. Embora tal artifício seja, ainda hoje, empregado, esse método é pouco confiável. Equivaleria a, por exemplo, tomarmos a grafia portuguesa de empréstimos vocabulares como jazz [ˈdʒɛʃ] para atestamos características de pronúncia das línguas

¹ ERASMO DE ROTERDÃ. *De recta latini graecique sermonis pronuntiatione*. Lutecia: Officina Rob. Stephani typographi Regii, 1547 [1528]

² ANGELO, N. The sound of Greek: a critique of Greek phonology. *Projet Homère*. 2008.

³ CARAGOUNIS, C. C. The error of Erasmus and un-Greek pronunciations of Greek. *Filologia Neotestamentaria*. **8**, 1995. p. 151-85.

⁴ PAPADEMETRE, L. ΦΩΝΗ ΕΛΛΗΝΩΝ: Ideology of fragmentation in the scholarship of its diachronic analysis. *Glossologia*. 11-12, 2000. p. 73-88.

originais – nesse caso, *jazz* [dʒæz]. Como o caso pressupõe, além da pronúncia, uma equivalência de sistemas de escrita diversos, observemos alguns casos do russo, escrito com o alfabeto cirílico. As versões portuguesas Tchecov [tʃe'kɔvɪ] e Dostoiévski [doʃto'jevɪ'kɪ] não dizem muito da pronúncia “original”, Чехов [tʃexəf] Достоевский [dɔstɐ'jefskij]. Nas transliterações do alfabeto latino para o cirílico, palavras iniciadas pela letra “h” [h] são transliterados com a letra “r”, que equivale, na maioria dos casos, ao som [g]: гамбургер [gam'burger]. A transliteração russa não pretende, no entanto, indicar que, pelo menos no passado, alguém tenha comido gambúrguer ou viajado para a Golanada. Línguas distintas possuem sistemas sonoros distintos. Isto quer dizer que cada língua desenvolve independentemente das demais, as relações dos sons entre si (fonotaxe) e as relações entre sons e as oposições de significado (fonologia) segundo seu sistema. Por esse motivo, não é possível se fazerem comparações diretas entre as pronúncias de dois idiomas distintos. Precisamente porque se tratam de ‘regras’ de sistemas distintos.

Nos séculos seguintes, o interesse pelo parentesco das línguas fez surgir, amparado pela gramática comparada, um movimento de estudos filológicos⁵. Já no século XVIII, surgem nomes importantes, como o do orientalista inglês William Jones, que, em 1786, observou e passou a propagar a afinidade entre o sânscrito e diversas línguas europeias. Na segunda década do século XIX, Franz Bopp publica sua gramática comparada, substanciando as semelhanças fonológicas e gramaticais entre sânscrito, zenda, grego, latim, lituano, gótico e alemão⁶. A hipótese da língua comum que teria dado origem às línguas indo-europeias (protoindo-europeu) foi-se fortalecendo e ganhando detalhamentos teóricos cada vez mais abstratos. Note-se que, embora se comparem aspectos gramaticais e fonológicos de diversas línguas,

⁵ SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*, 8.ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

⁶ BOPP, F. *Vergleichende Grammatik des Sanskrit, Zend, Griechischen, Lateinischen, Littauischen, Gothischen und Deutschen*. Berlin: Ferdinand Dümmler, 1833.

com o objetivo de se descrever uma “escala evolutiva”, cada língua não é vista como variável em si mesma. As variações em uma mesma língua eram vistas, ainda, como deturpação do padrão. Deste modo, as diferenças regionais, temporais, sociais de uso da língua não eram contempladas, de maneira que onde se lê “grego”, “latim” e mesmo “alemão”, deve-se compreender blocos de instâncias linguísticas homogeneizadas usadas como representantes destas línguas.

Enquanto os estudos de língua e gramática seguiam pelas veredas da lógica, i.e., alijadas do exame de casos reais de uso, disciplinas como a paleografia, a epigrafia e a papirologia começam a reunir interesse a partir do século XVII. É só no século seguinte, contudo, que começam a ser publicadas coletâneas de inscrições gregas e latinas, bem como métodos e ensaios⁷. E é só então que os estudos da pronúncia grega têm uma guinada^{8 9 10}. A partir da segunda metade do século XIX, volta-se a questionar a pronúncia erasmiana não mais por meio de um debate lógico, mas com base na observação de inscrições e papiros de diversas épocas. Smyth faz um apanhado da caracterização da pronúncia de «EI» nas gramáticas da época, apontando uma conjugação das hipóteses filológicas às descobertas, então recentes, advindas das epígrafes e dos papiros¹¹.

Em sua importante obra, publicada já no início do século XX, Mayser nota a presença incontestável do fenômeno do iotacismo em papiros egípcios do século II a. C., o que faz coincidirem as pronúncias de «H», «I», «EI», «Y», «OI».¹²

⁷ HIGOUNET, C. História concisa da escrita. São Paulo: Parábola, 2003:26ss

⁸ MAYSER, E. *Grammatik der griechischen Papyri aus der Ptolomäerzeit*. Berlin: Walter de Gruyter, 1923.

⁹ JANNARIS, A. N. Kratinos and Aristophanes on the cry of the sheep. *American Journal of Philology*. 16(1), 1895. p. 46-51.

¹⁰ ROBERTSON, A. T. *Grammar of the Greek New Testament in the light of historical research*, 3.ed. London: Hodder & Stoughton, 1919.

¹¹ SMYTH, H. W. The reduction from EI to I in Homer. *American Journal of Philology*. 6(4), 1885. p. 419-50.

¹² MAYSER, E. *Grammatik der griechischen Papyri aus der Ptolomäerzeit*. Berlin: Walter de Gruyter, 1923:80

Mais recentemente, Caragounis aponta as inconsistências da pronúncia reconstruída à luz das evidências recolhidas de um sem-número de epígrafes e papiros. A origem da proposta de Erasmo, explica ele, citando o relato de Gerardus Joannes Vossius, está num trote pregado por seu amigo, o músico suíço Henrique Glareano¹³. A principal falha da proposta erasmiana é, como pontua McLean, “dar às letras gregas os mesmos valores das letras latinas que lhes correspondem”, perfazendo, assim uma “‘pronúncia de sala de aula’, nunca utilizada por qualquer grego em período algum da história.¹⁴”

Mesmo assim, encontram-se, ainda hoje, muitas propostas de pronúncia baseadas, principalmente em ALLEN¹⁵, que ratifica e substancia as ideias de Erasmo. A maior parte delas passa ao largo das contribuições da epigrafia e da papirologia, disciplinas que inspiraram obras importantes como as de MAYSER, ROBERTSON e, mais recentemente, ZACHARIOU e McLEAN. Um caso curioso é o de BUTH que, criticando tanto a pronúncia reconstruída como a histórica, propõe o que chama de “sistema fonêmico para o grego koine”. Buth define este caráter fonêmico como uma “referência aos sons de uma língua que operam distinções de significado.¹⁶” Em primeiro lugar, faz-se necessário dizer que não se devem confundir letras e sons em uma análise linguística, especialmente fonológica. Isto quer dizer que o sistema de escrita deve ser confundido com o sistema sonoro de uma língua. Nas línguas de escrita alfabética, relação entre sons e unidades gráficas não é – e não precisa ser – biunívoco. Em português, por exemplo, temos exemplos de letras que representam mais de um som, e também de sons que são representados por diversas unidades

¹³ CARAGOUNIS, C. C. The error of Erasmus and un-Greek pronunciations of Greek. *Filologia Neotestamentaria*. **8**, 1995:152-3

¹⁴ McLEAN, B. H. *New Testament Greek: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011:3

¹⁵ ALLEN, W. S. *Vox Graeca: a guide to the pronunciation of classical Greek*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

¹⁶ BUTH, R. *Ἡ Κοινή Προφορά: Notes on the pronunciation system of Phonemic Koine Greek*. Biblical Language Center, 2008:1

gráficas. E isto não faz do português uma língua com problemas fonêmicos. O mesmo ocorre em inglês, francês, espanhol etc. As distinções de significado são operadas pelos fonemas – isto é, sons – e não pelas letras^{17 18}. Além disso, as distinções fonêmicas não isentam as línguas de homofonia. Muitas vezes, uma mesma sequência sonora representa significados distintos, podendo a realização escrita ser, inclusive, distinta. Observem-se os exemplos em português:

[ˈmɐ̃gɐ]: manga (*fruta*) – manga (*parte de uma camisa, blusa etc.*) – manga (*instrumento de confeitaria*) – manga (*multidão*) – manga (*verbo 3ª p. sg. pres. ind. de mangar*) – manga (*verbo 2ª p. sg. imp. afirm. de mangar*)...

[seˈsɐw]: seção (*parte, setor*) – sessão (*reunião, espetáculo*) – cessão (*doação, aprovação, rendição*).

Isto também acontece em inglês:

[si] C – see – sea;

[tu] to – two – too;

[sajt] cite – site – sight;

[ˈmɛɹɪ] merry, Mary, marry etc.

Para Buth, a pronúncia do grego deve ser determinada com base nos seguintes princípios:

- A pronúncia deve refletir aquela utilizada entre 300 a. C. e 400 d. C. na terra de Israel (*sic*);
- O sistema deve ser fonêmico, i.e. preservar as distinções sonoras utilizadas no período romano.
- A pronúncia deve possibilitar a adaptação para outros dialetos gregos e deve ser prática, na medida do possível, para falantes de inglês, espanhol, francês e alemão.

¹⁷ SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*, 8.ed. São Paulo: Cultrix, 1977:62ss

¹⁸ CAMARA Jr, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*, 42.ed. Petrópolis: Vozes, 2009:33ss.

Por esses motivos, a proposta de Buth ora acata observações feitas em epígrafes e papiros da época estabelecida, ora as rechaça, sob a alegação de que “alguns erros de grafia refletem a pronúncia, outros são causados por diferenças dialetais e outros, ainda, são apenas erros aleatórios.¹⁹” Assim, ao submeter a proposta de pronúncia do grego a uma viabilidade para falantes de certas línguas e à falácia erasmiana de que a fonologia grega pode ser determinada através de uma comparação direta com a do latim, i.e. o que é fonêmico para o latim e para o alemão, deverá ser num grego mais antigo – ainda não deteriorado.

2 Os antigos e o balido da ovelha

Uma das críticas à pronúncia histórica consiste na já conhecida alusão a Crátinos e a Aristófanes, que parecem se referir ao balido de ovelhas com a expressão βῆ-βῆ. Tal argumento [Tomando-se βῆ ou βῆ-βῆ por uma onomatopeia que imite a voz da ovelha, sua leitura seria forçosamente [bɛ], [bɛbɛ] ou algo semelhante] merece algumas considerações. Em primeiro lugar, o alfabeto ático do início do período clássico não possuía a letra η como vogal. Ela foi introduzida mais tarde por observação ao alfabeto jônico. Com isso, já a própria transcrição das frases citadas torna-se questionável, uma vez que não se sabe que letras, na verdade, os poetas usaram²⁰. Outra questão importante é que se assume de maneira peremptória que βῆ-βῆ é apenas uma onomatopeia, sem qualquer outra possibilidade de leitura. Lendo-se βῆ como o indicativo aoristo, na terceira pessoa do singular do verbo βάινω, a leitura seria *foi*, *andou*, ou mesmo algo do tipo ‘já era’, ou ‘deixe estar’. Frise-se que isso sai da

¹⁹ BUTH, R. *Ἡ Κοινή Προφορά*: Notes on the pronunciation system of Phonemic Koine Greek. Biblical Language Center, 2008:2

²⁰ JANNARIS, A. N. Kratinos and Aristophanes on the cry of the sheep. *American Journal of Philology*. 16(1), 1895. p. 46-51

boca da ‘quarta ovelha idiota²¹’. Frise-se, também, que este é um texto de comédia grega. Duas vogais contíguas formam um ‘desafio’ para qualquer língua. A ideia grega de ditongo (διφθόγγος) não parece ser exatamente a que temos, de duas vogais contíguas pronunciadas, mas de um som vocálico único representado por dois elementos sonoros escritos. Se «EI» fosse pronunciado ε + ι, isto implicaria a pronúncia de dois μονοφθόγγοι, e não de um διφθόγγος²². Esta rejeição de duas vogais contíguas se dá pela impossibilidade de duas vogais ocuparem, ao mesmo tempo, a posição nuclear numa sílaba, o que gera χασμωδία, ou hiato. Duas vogais contíguas pertenceriam a duas sílabas distintas, e não à mesma. Para evitar o hiato, diversos fenômenos fônicos se dão nas línguas conhecidas: *sinérese* (a transformação de uma das vogais em semivogal para possibilitar um encaixe à margem da sílaba, pronúncia de υῖός em grego moderno [i.'ʋs] → ['jʋs]); *elisão* (queda da primeira vogal em detrimento da segunda: [ʔε.ρϕ.'ũ.mϕ.'veʃ] → [ʔε.'rũ.mϕ.'veʃ]) *crase* (fusão de duas vogais semelhantes água+ardente = aguardente) *inserção de elemento consonantal por eufonia* (café + -al = cafezal).

3 Uma língua imune à variação?

Outra crítica feita atualmente aos proponentes da pronúncia histórica diz respeito à variabilidade linguística. Os proponentes de linha erasmiana afirmam que as drásticas mudanças na pronúncia grega – i.e. ι, η, υ, ει e οι passaram a ter a mesma pronúncia; φ, θ, χ, β,δ,γ se fricativizaram etc. – aconteceram a partir do período bizantino, ou seja, a partir do séc. IV d. C. O argumento é: “se as mudanças na pronúncia do grego já tivessem ocorrido no período clássico (séc. VI a. C.), o grego seria uma língua sem variação diacrônica, pois estaria há muitos séculos preservando

²¹ ANGELO, N. The sound of Greek: a critique of Greek phonology. *Projet Homère*. 2008.

²² Op. cit.

a mesma pronúncia – o que é improvável. Todas as línguas naturais são diacronicamente variáveis. Inclusive sua variabilidade. Há línguas mais conservadoras que outras, há períodos de maior ou menor estabilidade diacrônica e há casos de saltos como a mudança vocálica que se deu em inglês, por volta do séc. XV no sul da Inglaterra. Conhecido como *The Great Vowel Shift*, tal fenômeno importou no deslocamento de todas as vogais do inglês: o som [a] passou a [ej], [e] passou a [i], [i] passou a [aj] e assim por diante²³. Quanto ao grego, evidências históricas apontam para variações diacrônicas já a partir do século VI a. C. E ainda nos dias atuais, a língua grega continua a variar, como se pode notar em estudos como o de Papademetre acerca do apagamento de vogais átonas em grego moderno²⁴.

4 Evidências para uma proposta histórica

Ao se estudar a história grega, propõem-se uma série de períodos ou divisões, com o intuito de facilitar a análise. Desde a antiguidade grega até os tempos atuais consideram-se sete divisões: o período arcaico (do séc. VIII a. C. ao séc. VI a. C.), o período clássico (do séc. VI a. C. a 323 a. C.), o período helenístico (de 323 a. C. a 146 a. C.), o período romano (de 146 a. C. a 330 d. C.), o período bizantino (de 330 d. C. a 1453), o período otomano (de 1453 a 1821) e o período moderno (de 1821 até os dias atuais).

No início do período clássico, começam a se multiplicar as inscrições. Inicialmente, os áticos não utilizavam as letras «H» e «Ω» como vogais. **H** era um sinal de aspiração bem parecido com a letra *h* em inglês na palavra “*history*”. Nesse período, segundo o testemunho das epígrafes, «E» ora tinha o som de [e], ora, de [i]. Nota-se que a letra

²³ STOCKWELL, R. How much shifting actually occurred in the historical English vowel shift? In: MINKOVA, D. & STOCKWELL, R. (eds.) *Studies in the History of the English Language: A Millennial Perspective*. New York: Moulton de Gruyter, 2002. p.267-81.

²⁴ PAPADEMETRE, L. Language change in progress: unstressed vowel deletion in Standard Modern Greek. *Glossologia*. 7-8, 1988-1989. p. 177-91.

«E» era tanto trocada por «AI» - som [e] - como por «I». Segundo Zachariou, observam-se já em inscrições clássicas «AY», «EY» variando com «AΦ»/«AB», «EΦ»/«EB», indicando a pronúncia [af/av, ef/ev]. «EI», «YI» e «OI» já se alternavam com «I». Com a perda de consoantes mediais do período arcaico, introduziu-se uma marca compensatória - análoga ao apóstrofe que usamos para indicar a supressão de certas letras/sons em d'água (de água), u'a (uma), co'a (com a), c'roa (coroa) etc. Esta marca compensatória, um traço vertical, posto ao lado de «A», «E» e «O», deu origem a “ditongos espúrios”, i.e. «A|», «E|» e «O|», confundidos com «AI», «EI» e «OI» porém pronunciados como as vogais puras «A», «E» e «O». Para sanar este problema, Euclides reforma o alfabeto, no final do séc. V, introduzindo as vogais jônicas «H» e «Ω», com as quais se escreveriam os ditongos espúrios, e as consoantes «Ξ» e «Ψ», que substituiriam os dígrafos «XΣ/KΣ» «ΦΣ/ΠΣ» respectivamente. Deste modo, já no século IV encontram-se alternâncias gráficas entre «AI» ~ «E», «E» ~ «EI» ~ «H» ~ «HI» ~ «Y» ~ «YI» ~ «OI» ~ «I», «O» ~ «Ω»²⁵.

Ultimamente muitos *corpora* de epígrafes e papiros têm sido disponibilizados online. Diversas publicações antigas figuram, já, no imenso acervo do Internet Archive²⁶. Muitos exemplos destes “erros de grafia” encontram-se em inscrições digitalizadas e analisadas por especialistas em epigrafia, papirologia e paleografia.

Como se pode notar, não se trata de dizer, portanto, que a pronúncia grega não tenha variado no tempo. As línguas são, sim, variáveis. Acontece, porém, que mudanças no sistema vocálico e na pronúncia de certas consoantes, geralmente apontadas como medievais, estão presentes em epígrafes e papiros das épocas clássica e helenística, indicando que elas não se deram tardiamente, em meados do período bizantino, como sugerem alguns.

²⁵ ZACHARIOU, P. *Reading and Pronouncing Biblical Greek: historical evidence of authentic sounds*. Sacramento, CA: Greek Language & Linguistics, 2011

²⁶ Disponível em <<https://archive.org>>

A seguir, apresentamos uma comparação entre a pronúncia comumente proposta pela tradição erasmiana reconstruída e a que tem sido sugerida como pronúncia histórica.

Letra(s) grega(s)	Pronúncia 'reconstruída'	Pronúncia histórica	Exemplos
α	[a]	[a] vogal baixa central	<u>á</u> gua (port.)
β	[b]	[v] fricativa labiodental vozeada	<u>v</u> ida (port.)
γ	[g]	[ɣ] fricativa velar vozeada [j] glide palatal vozeado	pa <u>g</u> o, <u>á</u> gua (esp.) sa <u>i</u> a (port.), <u>y</u> es (ingl.)
δ	[d]	[ð] fricativa dental vozeada	<u>th</u> at (ingl.)
ε	[e]/ [ɛ]	[e] vogal média anterior	g <u>e</u> lado (por.)
ζ	[dz]/ [zd]	[z] fricativa alveolar vozeada	<u>z</u> ebra (por.)
η	[e:] / [æ:]	[i] vogal alta anterior	<u>i</u> lha (por.)
θ	[t ^h]	[θ] fricativa dental desvozeada	<u>th</u> ink (ingl.)
ι	[i]	[i] vogal alta anterior [j] glide palatal vozeado	<u>i</u> lha (por.) sa <u>i</u> a (port.), <u>y</u> es (ingl.)
κ	[k]	[k] plosiva velar desvozeada	<u>c</u> opo (port.)
λ	[l]	[l] lateral alveolar vozeada	<u>l</u> ata (port.)
μ	[m]	[m] nasal bilabial vozeada	<u>m</u> ãe (port.)
ν	[n]	[n] nasal alveolar vozeada	<u>n</u> ariz (port.)
ξ	[ks]	[ks]	fi <u>x</u> (ingl.)
ο	[o]/ [ɔ]	[o] vogal média posterior	<u>o</u> lhar (port.)
π	[p]	[p] plosiva bilabial desvozeada	<u>p</u> ai (port.)
ρ	[r]/ [ʀ]	[r] vibrante alveolar vozeada	<u>r</u> ico (esp.), <u>r</u> izzo (ital.)
σ	[s]	[s] fricativa alveolar desvozeada	<u>s</u> uco (port.)

		[z] <i>fricativa alveolar vozeada</i>	z ebra (port.)
τ	[t]	[t] <i>plosiva alveolar desvozeada</i>	t atu (port.)
υ	[u]/[y] ²⁷	[i] <i>vogal alta anterior</i>	i lha (por.)
φ	[p ^h]	[f] <i>fricativa labiodental desvozeada</i>	f ilho (por.)
χ	[k ^h]	[x] <i>fricativa velar desvozeada</i>	J uan, r ojo (esp.)
ψ	[ps]	[ps]	ap ps (ingl.)
ω	[o:]/[o:]	[o] <i>vogal média posterior</i>	o lhar (port.)
αι	[aj]	[e] <i>vogal média anterior</i>	g elado (por.)
α	[a]/[aj]	[a] <i>vogal baixa central</i>	á gua (port.)
ει	[ej]/[e:]	[i] <i>vogal alta anterior</i>	i lha (por.)
ηι (η)	[e:]/[e:j]	[i] <i>vogal alta anterior</i>	i lha (por.)
οι	[oj]/[o:]	[i] <i>vogal alta anterior</i>	i lha (por.)
υι	[uj]/[y:j] ²⁷	[i] <i>vogal alta anterior</i>	i lha (por.)
ωι (ω)	[o:]/[o:j]	[o] <i>vogal média posterior</i>	o lhar (port.)
αυ	[aw]	[af] [av]	a fta (port.) á vido (port.)
ευ	[ew]	[ef] [ev]	e ficiente (port.) e vitatar (port.)
ηυ	[e:w]	[if] [iv]	i f (ingl.) I van (port.)
ου	[u]	[u] <i>vogal alta posterior</i>	u va (port.)
αϊ	[aj]	[aj]	ca i (port.)
αϋ	[aɥ] ²⁷	[aj]	ca i (port.)

²⁷ O símbolo [y] representa uma *vogal alta anterior arredondada*, como a que é pronunciada na palavra francesa **tu** [ty]. O [ɥ], glide labiopalatal, é um som semelhante a [y], pronunciado na palavra francesa **lui** [lɥi].

γγ	[ŋg]	[ŋg]	<u>angu</u> (port.)
γκ	[ŋg]	[(ŋ)g] <i>plosiva velar vozeada</i>	<u>angu</u> (port.), <u>gato</u> (port.)
γχ	[ŋk ^h]	[ŋx]	<u>Don</u> Juan (esp.)
ντ	[nt]	[(n)d] <i>plosiva alveolar vozeada</i>	<u>panda</u> (port.), <u>cada</u> (port.)
μπ	[mp]	[(m)b] <i>plosiva bilabial vozeada</i>	<u>mambo</u> (port.), <u>aba</u> (port.)

5 Uma preocupação pedagógica

Embora o estudo da língua grega divida-se, tradicionalmente em diversos períodos, como antigo, clássico, helenístico, romano, bizantino, otomano e moderno, na prática, em termos de pronúncia, divide-se em dois: o grego clássico e a moderno. Aquela, em cuja lista de utentes, encontra-se desde Homero até Mateus, João e Paulo é uma língua morta. Esta é uma deturpação da primeira, perpetrada pelos gregos – que, além de hereges, são depredadores da língua de Homero e de Platão, também usada pelos apóstolos. Lida-se com o grego bíblico como língua extinta. O grego moderno seria *uma outra língua* desenvolvida a partir do substrato helênico. Mudanças profundas legitimariam tal classificação. Por outro lado, há o argumento de que as línguas variam, e ‘o grego não pode ter permanecido o mesmo desde a época clássica’.

Ignora-se a variabilidade linguística sincrônica nos tempos antigos. Uma das características mais marcantes da linguística moderna é reconhecer a variabilidade sincrônica e diacrônica da língua, i.e. a língua não é um todo homogêneo governado por um padrão fixo. Por esse motivo, a tarefa do linguista é descrever a língua usando, para isso, uma metodologia que evidencie e respeite este fato. Fora dos domínios da linguística, isto ganha outros contornos: assume-se, de certa forma, a variação

diacrônica da língua, reputando-a por deturpação, corrupção, empobrecimento etc. A ideia básica é que um padrão ideal que remonta a tempos imemoriais foi sendo corrompido até chegar ao que se tem hoje. A situação atual da língua é de depredação e empobrecimento e as expectativas são de um futuro caótico. É assim também a visão tradicional acerca da língua portuguesa levada adiante por várias gerações de gramáticos e de professores de língua.

Por outro lado, talvez um dos fatores que mais contribuam para uma redução no interesse dos alunos de línguas bíblicas é o fato de as pronúncias reconstruídas estarem muito distantes de situações de uso normal de uma língua. Ao se enfatizar a tradução como única finalidade do estudo, ergue-se a leitura a observação de aspectos morfossintáticos como práticas privilegiadas, deixando-se de lado as demais habilidades normalmente trabalhadas em programas de aprendizagem de idiomas. As habilidades orais – produção e compreensão oral – estão intimamente ligadas à pronúncia. Para COHEN & SELLERS, a adoção de uma pronúncia próxima à de comunidades de fala que usam a língua de forma natural pode trazer vários benefícios para o ensino aprendizagem de línguas bíblicas²⁸.

Ainda que se proclame a tradução como fim maior (ou único) do estudo de “grego antigo”, não é possível se isolar a pronúncia totalmente, uma vez que ela é uma propriedade natural inalienável da língua, sendo evocada mesmo na leitura e na escrita. Entre as principais razões para se apontar como necessária sua inclusão no estudo da língua grega, destacamos: 1. Compreender a escrita antiga, em que não havia a ideia de padrão ortográfico conforme hoje conhecemos, a despeito da multiplicidade de grafias para uma mesma palavra. 2. Compreender jogos de palavras e até mal entendidos, como é o caso da dúvida dos atenienses perante um oráculo recebido no século V a. C. A incerteza era de se o oráculo se referia a uma epidemia

²⁸ COHEN, G. G. & SELLERS, N. The case for modern pronunciation of biblical languages. *Grace Theological Journal*, 5(2), 1984. pp. 197-203.

(ΛΟΙΜΟΣ) ou a uma fome (ΛΙΜΟΣ)²⁹. 3. A pronúncia histórica ajuda a identificar discrepâncias gráficas em papiros motivadas pela forma como as palavras eram pronunciadas, e.g. ὑμῖν ~ ὑμεῖν.

²⁹ ANGELO, N. The sound of Greek: a critique of Greek phonology. *Projet Homère*. 2008:15

Referências bibliográficas

- ALLEN, W. Sidney. *Vox Graeca: a guide to the pronunciation of classical Greek*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.
- ANGELO, Nick. The sound of Greek: a critique of Greek phonology. *Projet Homère*. 2008. 28p. Disponível em: <<http://www.projethomere.com/ressources/PHONOLOGIE-Modern-Greek.pdf>>. Acesso em 4 jul 2014.
- BOPP, Franz. *Vergleichende Grammatik des Sanskrit, Zend, Griechischen, Lateinischen, Littauischen, Gothischen und Deutschen*. Berlin: Ferdinand Dümmler, 1833.
- BUTH, Randall. *Ἡ Κοινή Προφορά: Notes on the pronunciation system of Phonemic Koine Greek*. Biblical Language Center, 2008. 10p. Disponível em: <http://www.biblicallanguagecenter.com/assets/pdf/PRONSYS1_US.pdf> Acesso em 4 jul 2014.
- CAMARA Jr, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*, 42.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CARAGOUNIS, Chrys C. The error of Erasmus and un-Greek pronunciations of Greek. *Filologia Neotestamentaria*. **8**, 1995. p. 151-85.
- COHEN, Gary G. & SELLERS, Norman. The case for modern pronunciation of biblical languages. *Grace Theological Journal*, 5(2), 1984. pp. 197-203.
- ERASMO DE ROTERDÃ. *De recta latini graecique sermonis pronuntiatione*. Lutecia: Officina Rob. Stephani typographi Regii, 1547 [1528].
- HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. [Trad. Marcos Marcionilo.] São Paulo: Parábola, 2003.
- INTERNET Archive. Disponível em <<https://archive.org>> Acesso em 3 jul 2014.
- JANNARIS, A. N. Kratinos and Aristophanes on the cry of the sheep. *American Journal of Philology*. 16(1), 1895. p. 46-51.

- MAYSER, Edwin. *Grammatik der griechischen Papyri aus der Ptolomäerzeit*. Berlin: Walter de Gruyter, 1923.
- MCLEAN, B. H. *New Testament Greek: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- PAPADEMETRE, Leo. ΦΩΝΗ ΕΛΛΗΝΩΝ: Ideology of fragmentation in the scholarship of its diachronic analysis. *Glossologia*. 11-12, 2000. p. 73-88.
- _____ Language change in progress: unstressed vowel deletion in Standard Modern Greek. *Glossologia*. 7-8, 1988-1989. p. 177-91.
- ROBERTSON, A. T. *Grammar of the Greek New Testament in the light of historical research*, 3.ed. London: Hodder & Stoughton, 1919.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*, 8.ed. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1977.
- SMYTH, Herbert Weir. The reduction from EI to I in Homer. *American Journal of Philology*. 6(4), 1885. p. 419-50.
- STOCKWELL, Robert. How much shifting actually occurred in the historical English vowel shift? In: MINKOVA, Donka & STOCKWELL, Robert (eds.) *Studies in the History of the English Language: A Millennial Perspective*. New York: Moulton de Gruyter, 2002. p.267-81
- ZACHARIOU, Philemon. *Reading and Pronouncing Biblical Greek: historical evidence of authentic sounds*. Sacramento, CA: Greek Language & Linguistics, 2011.